

O Novo/Velho Sertão Imagético¹

Juliana Andrade Leitão²
Funcultura – Governo de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho analisa a construção imagética que os fotógrafos estão fazendo em projetos autorais sobre o Sertão de Pernambuco. O foco da análise são as imagens fotográficas produzidas nos últimos dez anos para livros, revistas, projetos pessoais etc. Trata-se de saber que representações são utilizadas nas imagens e quais marcas autorais aparecem nessa produção recente. A pesquisa se propõe a levantar informações e disponibilizar à sociedade sobre esses outros olhares que não estão nas capas dos jornais ou nas matérias televisivas, mas trabalhos que buscam outros Sertões. A partir de Graciliano Ramos, Durval Albuquerque Júnior contextualizamos a problemática e usamos os regimes de imagens propostos por Rancière para estruturar as perguntas de pesquisa, neste artigo trazemos as entrevistas feitas a Ana Lira e Allan Bastos.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; sertão; Pernambuco; regimes imagéticos, representação

Apresentando a pesquisa

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de extensão sobre fotografia e sertão. O estudo tem o objetivo de analisar a construção imagética que os fotógrafos estão fazendo em projetos autorais sobre o Sertão de Pernambuco. O foco da análise são as imagens fotográficas produzidas nos últimos dez anos para livros, revistas, projetos pessoais etc. Trata-se de saber que representações são utilizadas nas imagens. Que marcas autorais aparecem nessa produção recente, de definir que aspectos estão envolvidos nessa nova imagética do Sertão. Estudos anteriores evidenciaram que na mídia nacional as imagens do Sertão denotam uma representação do Sertão como local de isolamento, de seca, miséria, sem acesso a tecnologia, a saneamento, com sistema precário de transporte e rudimentares práticas agrícolas.

A mídia muitas vezes tem contribuído para perpetuar esse modelo estagnado de pensamento e percepção sobre o que acontece nas regiões do Nordeste, principalmente no Sertão. Parece que em muitos casos existe certo descompasso

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

Pesquisa feita com Incentivo: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Cultura e do FUNCULTURA – Aprovada no Edital 2014/2015.

² Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFPE), Coordenadora de Comunicação Social (UNINASSAU) e professora da Aeso/Barros Melo. E-mail: julleitao@gmail.com

entre o que acontece de mudanças efetivas em algumas regiões do país e o que é representado, que muitas vezes mostra-se a partir de formatos pré-estabelecidos de imagens caricatas, reforçando estereótipos de pessoas esqueléticas, locais aparentemente abandonados e isolados e parece nunca considerar o Sertão que possui Universidade Federal Rural, pesquisa agropecuária e tecnologias na produção e exportação de frutas seguindo padrões internacionais de cultivo e armazenamento, além de internet, arte de projeção nacional etc. Ao invés disso o que aparece é o sertanejo que ratifica a imagem dos "Retirantes", de Portinari, reducionismo que pode contribuir para a diminuição de investimentos na região (LEITÃO,TAUK SANTOS,2012).

A representação do Nordeste precisa ser questionada e reavaliada por aqueles que se colocam como vozes que falam para o Brasil sobre este Brasil, que muitas vezes desconhecem por isso nos interessa fazer um levantamento sobre o que a fotografia tem para contribuir nesse debate. Alguns fotógrafos/as levam anos viajando e mostrando outras imagéticas, resultados de projetos executados a longo prazo, procurando questões interiores, procurando o impacto que a região produz neles como artistas pessoais: "vemos, hoje, que o estudo da imagem é fundamental para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros" (ALEGRE,1998, p.76).

É possível detectar uma uniformidade no olhar ao se falar em Sertão, concordamos com o que afirma Roland Barthes (1984, p.173): "uma das marcas de nosso mundo talvez seja essa inversão: vivemos segundo um imaginário generalizado", então faz-se necessário romper com certas formas estabelecidas de se lançar o olhar sobre algo.

Em pesquisas anteriores, desenvolvidas no programa de Pós Graduação em extensão Rural e Desenvolvimento Local /UFRPE (2011), concluímos que a fotografia como notícia é capaz de mobilizar (PESAVENTO, 2008, p.106), trazer à tona a reflexão, questionar o que está estabelecido, no entanto o fotojornalismo no tema em pauta mostra um ciclo vicioso de imagens iguais, preso a uma memória social da representação fotográfica construída no senso comum que identifica nas imagens um Sertão, seco, quente, improdutivo, miserável, arcaico, um olhar real sobre a região, mas não o único, existem outros Sertões, outras discussões que não são trazidas a tona em nenhuma imagem, a seca parece ser o único tema, a categoria central na qual todos os questionamentos sobre o Sertão devem encaixar-se para ser mostrado nos jornais sem chocar ou frustrar o modelo pré-estabelecido pelo senso comum.

O Sertão é múltiplo, cheio de contrastes, passou por muitos processos, modificou-se rapidamente em alguns lugares e permaneceu quase intocado em outros, é um terreno de

disputa, foi palco da história do Brasil na indústria da Seca. A imagem midiática e massiva é infelizmente a mesma, de um sertão estereotipado, quando interessa a algumas propagandas, é um Sertão do desenvolvimento, que mudou, quando interessa a outros é um Sertão da estagnação. Acreditamos ser importante lançar o olhar sobre esse Sertão pesquisado, a imagem produzida por quem foi buscar o seu Sertão, desprovido de pautas jornalísticas, de campanha eleitoral ou de clientes do agronegócio. Um Sertão íntimo. Essa pesquisa propõe esse levantamento, diagnosticar quem são os fotógrafos que estão construindo um Sertão que lhes é próprio e visibilizar essas propostas.

Na pesquisa atual, propomos observar as novas representações e problematizar a produção de estigmas e estereótipos. O texto *A invenção do Nordeste* foi essencial para o processo de problematização das questões:

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de ‘verdades’ sobre este espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.49).

Ao falar sobre música, pintura e literatura, o autor mostra como seca e miséria fazem parte do conceito de Nordeste como um todo, sem especificações de regiões, ou período histórico.

As representações imagéticas em questão

Moscovici afirma que todas as pessoas enxergam o que as convenções, a cultura, a memória social e histórica permite ver, e que não se está nunca livre de todos os preconceitos, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. Para o autor, ancorar é classificar, rotular e categorizar. O segundo conceito trazido pela Teoria das Representações sociais é o da objetivação, ou seja, “produzir um conceito em uma imagem”. (MOSCOVICI, 2009, p.72). Assim, a classificação traz consigo uma série de normas, que influencia as pessoas a se comportarem de acordo com as exigências e expectativas determinadas pelo grupo específico. O autor fala em protótipo ou caso-teste a partir do qual as pessoas se guiam, assim, quando alguém ou alguma coisa passa a pertencer a uma determinada categoria, os outros indivíduos passam a estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. A multiplicidade de olhares, a divulgação desses novos olhares em um espaço para isso é o potencial deste trabalho. Precisamos discutir os estigmas que historicamente foram construídos sobre a região onde estamos inseridos e

contrapor cada um deles. A fotografia é um excelente canal para ser esse lugar de disputa imagética, para contradizer outras imagens que juntas resolvem formar uma única visão ou construíram uma única possibilidade.

O autor Jacques Rancière traz o seu conceito de representação que contribui para o que trazemos até agora de outros autores: “Representação não é o ato de produzir uma forma visível; é o ato de dar um equivalente, coisa que a palavra faz tanto quanto a fotografia” (RANCIÈRE, 2012, p.92) Para este autor, “a representação é uma dependência do visível em relação à palavra” (RANCIÈRE, 2012b p.123) Assim a palavra convoca o ausente

Em uma obra póstuma de Graciliano Ramos, que recebe o título: “A propósito da seca” encontramos críticas ao trabalho de importantes nomes da arte e da literatura brasileira. Este texto nos ajudou a dar o pontapé inicial a um projeto que envolve problematizar as questões relacionadas ao Sertão no nosso campo de estudo, o da fotografia. Graciliano Ramos fala que muitos autores carregaram tanto na tinta, na hora de falar sobre o Sertão, denuncia que esse processo foi mais negativo do que positivo e nos leva a refletir e abrir o debate sobre o que pensam os fotógrafos sobre como a fotografia contribui na construção de uma imagem sobre essa região do país. Um dos trechos sobre o qual nos debruçamos é o seguinte:

Realmente, os nossos ficcionistas do século passado, seguindo os bons costumes de uma época de exageros, contaram tantos casos esquisitos, semearam no sertão ressequido tantas ossadas, pintaram o sol e o céu com tintas tão vermelhas, que alguns políticos, sinceramente inquietos, pensaram em transferir da região maldita para zonas amenas os restos da gente flagelada. [...] Afinal, se os nordestinos seguindo o preceito bíblico, se tinham multiplicado tanto, então é que não se alimentavam apenas de raiz de imbu, semente de mucunã, couro de mala e carne humana. Pois até a antropofagia serviu para dramatizar a seca, em jornal e em livro. (RAMOS, 1962 P. 135).

O que pensam os fotógrafos sobre a imagética do Sertão

Em Pernambuco tem se produzido projetos autorais conhecidos, como Os Sertões de Alexandre Severo, que foi parar nas páginas do jornal e mostra que não necessariamente por estar em jornal é uma representação encerrada em uma camisa de força e que os fotógrafos, mesmo trabalhando em empresas que trabalham com a leitura direta e as representações estagnadas, fazem pressão e propõem outros olhares.

Neste trabalho, fotografado por Alexandre Severo, é possível ver que existe uma proposta de discussão sobre a própria fotografia em si, desvelando ao leitor que isso é uma

imagem construída, existe produção, cenário, estúdio, flash, sombrinhas, fundo infinito. Isso é uma fotografia e não uma janela para o mundo. O fotógrafo e o jornal inovaram, debatem a própria fotografia, criam uma narrativa dentro da temática e não deixam de retratar as pessoas, esses novos sertanejos que esse especial se propôs a fazer.

O jornal publicou uma página inteira com o retrato clássico do rosto e uma imagem ao lado da cena sendo montada para a foto acontecer.



Foto - Os Sertões site

Fonte: <http://www2.uol.com.br/JC/sites/sertoes/>

Encontramos algumas propostas como a de Gustavo Bettini e Lia Lubambo sobre o Sertão noturno e o de Fred Jordão sobre o Sertão Verde. Então saímos em busca dessas outras narrativas.

O trabalho usa como base o que propôs Rancière de regimes de imagem, os três grandes regimes auxiliam a compreensão de que as categorias semânticas fazem mais sentido quando inseridas dentro do regime imagético a qual pertencem. Os regimes são os seguintes: Regime Ético das Imagens; Regime Poético ou Representativo das Artes e Regime Estético.

A definição trazida pelo autor de cada um dos regimes diz o seguinte, primeiramente, sobre o Regime Ético das imagens:

A “arte” não é identificada como tal, mas se encontra subsumida na questão das imagens. Há um tipo de seres, as imagens, que é objeto de uma dupla questão: quanto à sua origem e, por conseguinte, ao seu teor de verdade; e quanto ao seu destino: os usos que têm e os efeitos que induzem. Pertence a esse regime a questão das imagens da divindade, do direito ou proibição de produzir tais imagens, do estatuto e significado das que são produzidas. Como a ele pertence também toda polêmica platônica contra os simulacros da pintura, do poema e da cena. (RANCIÈRE, 2009 p.28)

Refletindo sobre esse regime, elaboramos as seguintes perguntas:

- Existe um formato ético ou antiético de retratar o Sertão?
- O que é proibitivo para você nas coberturas atuais do Sertão?
- Existe algo que não cabe mais mostrar ou que deveria ser obrigatoriamente mostrado?
- As coberturas oficiais (jornais, revistas) erram no olhar que lançam sobre a região?

No que diz respeito ao Regime Poético ou representativo das artes, Rancière diz o seguinte:

Ele desenvolve em formas de normatividade que definem as condições segundo as quais as imitações podem ser reconhecidas como pertencendo propriamente a uma arte e apreciadas, nos limites dessa arte, como boas ou ruins, adequadas ou inadequadas: separação do representável e do irrepresentável, distinção de gêneros em função do que é representado, princípios de adaptação das formas de expressão aos gêneros, logo, aos temas representados, distribuição das semelhanças segundo princípios de verossimilhança, conveniência ou correspondência, critérios de distinção e de comparação entre artes etc. Denomino esse regime poético no sentido em que identifica as artes- que a idade clássica chamará de “belas-artes”- no interior de uma classificação de maneiras de fazer, e consequentemente define maneiras de fazer e de apreciar imitações bem feitas. Chamo-o representativo, porquanto é a noção de representação ou mimese que organiza essas maneiras de fazer, ver e julgar. Mas, repito, a mimese não é a lei que submete as artes à semelhança. É, antes, o vincu na distribuição das maneiras de fazer e das ocupações sociais que torna as artes visíveis. (RANCIÈRE, 2009 p.31)

Elaboramos as seguintes perguntas para problematizar esse regime:

- Existe um padrão na cobertura do Sertão?
- Existem modelos, moldes ou formatos que o/a fotógrafo/a termina se enquadrando para caber dentro do imaginário das pessoas?
- Você já se viu nessa situação?

- As fotografias de caveiras, terra rachada e lata de água na cabeça exerceram um desserviço para a região?

Para explicar o regime Estético, o autor tece as seguintes observações:

O regime estético das artes é aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes. O regime estético das artes é, antes de tudo, um novo regime da relação com o antigo. De fato, ele transforma em princípio de artisticidade essa relação de expressão de um tempo e um estudo de civilização que antes era considerada a parte “não-artística” das obras (RANCIÈRE, 2009 p.36). A temporalidade própria ao regime estético das artes é a de uma co-presença de temporalidades heterogêneas. (RANCIÈRE, 2009 p.37)

Para problematizar o debate sobre o Regime estético, lançamos as seguintes perguntas:

- Existe a possibilidade de se fotografar o Sertão sem uma proposta estética?
- Que Sertão você procura?
- Você trabalhou nos seus projetos já sabendo o que você procura?
- Como você tenta marcar que aquele olhar é só seu?

Neste artigo faremos um recorte a partir das problematizações de dois fotógrafos/as: Ana Lira e Allan Bastos.

Para Ana Lira se faz necessário ter consciência do fato de que o olhar que a gente debruça sobre algo carrega crenças e que pode ser reapropriado por outras crenças, O trabalho pode ser lido de uma maneira completamente distinta daqui a há alguns anos e os preceitos éticos sobre aquele assunto se modificarem. Ana disse em entrevista que não existe discurso neutro ou totalmente desprovido de intencionalidade, assim: “Devemos pensar o que eu estou potencializando e o que eu estou destruindo no momento em que crio determinada imagem”³.

Ao debater sobre o Regime representativo e a estética vigente, a autora concorda que existe um modelo atual, uma narrativa, uma cor, uma forma de enquadrar, uma luz etc. Segundo a autora: “Tenho percebido um sertão que determinado circuito da arte tem se interessado, é um sertão quase finlandês, escuro, com tonalidades azuis, mais fechadas, que não é um sertão que eu fotografo, iluminado”.

³ Entrevista concedida pela fotógrafa Ana Lira para a pesquisa.

Neste debate não trazemos somente o molde dado historicamente pelas grandes reportagens da caveira e da terra rachada, mas um molde dado por outro circuito, o das galerias.

O debate sobre esses modelos é sempre interessante, porque cada mercado possui suas normas de conduta, de linguagem e parecem que tiram um pouco a liberdade de criar algo singelo e único. O que nos levou à questão seguinte: Como tentar marcar um olhar que é seu. Ana Lira respondeu que ela chegou a um propósito, um Sertão de processo. Um olhar detalhado sobre os agricultores experimentadores, no qual ela consegue criar uma relação entre o próprio trabalho dela que funciona a partir de processos e as pesquisas, os cadernos processuais desses agricultores. Ao observar que um processo que se manifestava, a partir da oralidade, escutando, e estando atenta ao imaginário construído, a ancestralidade e o conhecimento que vai sendo passado de uma geração para outra, a fotógrafa diz ter encontrado o que ela considera o seu Sertão. Ela passou a estudar livro de artistas e livros de processo e relacionar isso os ciclos de cura que estão acontecendo em alguns lugares do Sertão. Para Ana Lira, contar essa história é propor algo novo nas narrativas arraigadas e como militante dos seus projetos levar isso adiante, mostrar o máximo possível. Esta imagem abaixo faz parte desse material e foi exposto em São Paulo.



Foto: Ana Lira

Fonte: http://www.secsp.org.br/programacao/71016_ANA+LIRA#/content=saiba-mais

Allan Bastos é um fotógrafo cearense que mora na região do Cariri. Ele pontua algo nas fotografias que ele procura, porque ele fotografa a festividade, o que ele chama de Sertão festejado enquanto observa que aqueles que vem de fora buscam o Sertão sofrido. Para ele, a fotografia criou um estigma de um sertão sofrido, concorda com os autores que a fotografia criou um estereótipo a partir de quem leu a literatura brasileira, quando chega na

região do Cariri e procura, consegue evidentemente achar esse sertão dos livros, ou seja vão em busca do estereótipo. É comum encontrar fotógrafos procurando o que já viu.

Allan fez parte do coletivo Café com gelo um coletivo que produz imagens imaginárias, que flerta com vários movimentos.



Foto: Exposição no SESC Juazeiro em 2015 do coletivo Café com gelo
Fonte: <http://www.coletivocafecomgelo.com/>

O Seiva Bruta é um projeto que fala de sentimento, um ensaio sobre saudade e que mostra paisagens e pessoas que não associamos diretamente à imagética estabelecida do Sertão.



Foto: Allan Bastos
Fonte: http://www.coletivocafecomgelo.com/2013_11_01_archive.html

Considerações finais

Quando esse projeto foi iniciado como ideia, estava bem claro que existiam umas imagens que se repetiam, trabalhos anteriores se debruçaram sobre o fotojornalismo que não contribui e que a imagem fotográfica representava as pessoas e os lugares dentro de certos moldes e que os moldes incomodavam. O olhar histórico nos permite observar que de um lado da história alguém olha e alguém é olhado, definindo o que é “normal” e o que é “exótico”.

Felizmente existem outros olhares, e pouco se escreve sobre isso, analisando os trabalhos atuais que fogem da tentativa de se enquadrar em moldes, observamos que precisaríamos dar mais enfoque para as imagens que destoavam.

Foi a partir daí que constatamos que existe uma disputa, visões novas, rompimentos de padrões. Trabalhos que promovem e exploram novas temáticas de outras formas e que se desobrigam da leitura direta.

A fotografia é uma imagem que pode e deve se comunicar a partir de sua própria potência e ensinar as pessoas a dialogar com elas.

Nos apropriamos de uma combinação teórica, entendemos que a concepção elaborada por Rancière não foi uma proposta para ser aplicada à estes trabalhos, mas acreditamos que assim podemos propor novas perspectivas metodológicas para outros estudos que venham depois de nós e se proponham a refletir sobre a fotografia. Propomos coletar entrevistas com todos os que estão em processo de contribuição para uma problematização imagética da região.

REFERÊNCIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. -2. Ed – Recife: FJN, ED. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In FELDMAN-BIANCO Bela, MOREIRA LEITE, Mirian L. (orgs.). Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LEITÃO, Juliana Andrade; TAUKE SANTOS, Maria Salett. Imagem jornalística e Representações Sociais: A imagem dos Sertões. Intercom (São Paulo. Impresso), v. 35, p. 133-155, 2012.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PESAVENTO Sandra Jatahy. O mundo da Imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO Sandra Jatahy, Nádia Maria Weber Santos, Miriam de Souza Rossini; Narrativas, imagens e praticas sociais: percursos em historia cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

RAMOS, Graciliano. A propósito da seca in: Linhas Tortas. (obra póstuma) Livraria Martins Editora. São Paulo, 1962.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009 (2ª edição) 72p.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 152p. (b)